

ROTAS DO SUL

SAGRES E O MAR – MITOS E REALIDADES

.....

José António Santos - ESGHT - jasantos@ualg.pt

Margarida Custódio Santos - ESGHT - mmsantos@ualg.pt

Dos antigos navegantes às lendas e aos mitos, de São Vicente ao Infante Dom Henrique, da destruição de Drake à consolidação da pesca e do turismo como principal sustento de uma escassa população, do clima peculiar às belezas naturais, a importância de Sagres está intimamente associada ao mar.

Sagres, incluindo naturalmente o Cabo de São Vicente e a área circundante, é um dos raros lugares em que a localização geográfica, uma natureza agreste, mas majestosa, e factores históricos se conjugam com uma dimensão mítica, conferido a este lugar uma magia única, que ao longo dos milénios lhe outorgou uma projecção singular.

A região de Sagres, situada no extremo sudoeste do Continente Europeu, foi durante aproximadamente três milénios um dos limites do mundo conhecido. Para os povos vindos do Mediterrâneo Oriental, como Fenícios, Gregos, Cartagineses, Romanos e Árabes, que em geral navegavam ao longo da costa, o Cabo de São Vicente constituía o limiar da navegação para ocidente antes do *mare incognitum*. Por esse motivo foi conhecido, durante milénios, como o *Finis Terrae*, ou seja, o Fim do Mundo.

A linha de costa, entre a Ponta de Sagres e o Cabo de São Vicente, é constituída por uma plataforma rochosa de origem sedimentar cortada abruptamente até ao mar, com altitudes variáveis entre os 60 e os 80 metros, e que ocasionalmente é recortada por pequenas enseadas com praias de areia, como a Praia do Tonel e a Praia do Beliche.

Esta zona apresenta condições climáticas especiais motivadas pelo cruzamento das influências atlânticas, preponderantes na costa oeste e mediterrâneas na costa sul, predominando os ventos de quadrante norte e noroeste, carregados de salsugem, comuns no Verão, associados a forte ondulação e com frequente nevoeiro de advecção litoral que conferem a este lugar uma singularidade climática contrastante com a restante região algarvia. Tal facto, associado à fraca precipitação e a temperaturas amenas no Inverno fazem com que Sagres tenha as menores amplitudes térmicas em Portugal.

Estas condições climatéricas têm implicações na flora da região que inclui várias espécies endémicas, ou seja, com uma existência confinada à orla costeira do Planalto Vicenti-

no, razão pela qual algumas espécies apresentam no respectivo nome a designação geográfica, como por exemplo a *As-tragalus tragacantha vicentinus* e a *Hyacinthoides vicentina*. No entanto, a existência destas espécies únicas de flora está longe de ser salvaguardada. Os visitantes, ao procurarem os pontos mais interessantes do ponto de vista paisagístico, vão criando trilhos e destruindo a cobertura natural e permitindo que vegetação infestante se vá fixando nestas zonas levando à destruição progressiva das características únicas desta área, que actualmente está integrada na Rede Europeia de Reservas Biogenéticas, na Rede Natura 2000 e no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e da Costa Vicentina.

Existem nesta região vestígios arqueológicos, nomeadamente menires da época neolítica, mais precisamente do V e IV milénios a.C., que comprovam o povoamento desta região em épocas mais recuadas. No entanto, as referências mais antigas sobre a história de Sagres estão intimamente ligadas ao Cabo de São Vicente, ao qual os escritores da Antiguidade atribuíam um carácter sagrado, patente na designação *Pro-montorium Sacrum*, ou seja, o Cabo Sagrado, que na época romana era sobretudo dedicado ao culto de Saturno.

Uma segunda evocação religiosa surgiu no século VIII, ligada ao culto cristão do mártir São Vicente, cujas relíquias aí terão chegado por via marítima por essa altura, como forma de os preservar da destruição pelos muçulmanos, que no início desse século tinham invadido a Península





Ibérica. Segundo a tradição, os restos mortais do Santo terão aportado a Sagres à deriva numa barca guardada por dois corvos, atributos iconográficos que serão constantes nas representações posteriores do mártir, pelo menos na arte portuguesa, e adoptados na iconografia do brasão de armas de Lisboa ainda durante a primeira dinastia. As relíquias terão sido então depositadas na Igreja do Corvo situada sobre as inóspitas falésias do Cabo de São Vicente e cuja designação estava ligada à crença de que os bandos de corvos presentes no local seriam os guardiões do Santo. Em meados do século XII, o geógrafo árabe Muhammad Al-Idrisi refere a Igreja do Corvo que, na sua opinião, já seria anterior à dominação islâmica e se situava num "promontório que se mete pelo Mar".

De tal forma o culto de São Vicente se tornou relevante, que D. Afonso Henriques, após a tomada de Lisboa aos Mouros em 1147, ali mandou uma embarcação recolher as relíquias do Santo e trasladá-las para Lisboa, passando este Santo a ser o Padroeiro da cidade e tendo, em sua honra, sido construído o Mosteiro de São Vicente de Fora.

Três séculos mais tarde, percebendo a enorme importância de Sagres para apoio à navegação, o Infante D. Henrique funda uma povoação no Promontório de Sagres intitulada Vila do Infante, tal como explica no seu testamento, para onde se retirava com alguma frequência no período final da sua vida e onde faleceu em 1460. Estas frequentes estadas em Sagres do principal impulsionador dos descobrimentos portugueses, foram, sobretudo no século XIX, pretexto para a associação de Sagres aos descobrimentos portugueses, tendo surgido o mito da Escola Náutica de Sagres.

Outro evento histórico de enorme importância para Sagres foi o ataque inglês comandado por Sir Francis Drake em 1587 e a consequente destruição das fortalezas da

Baleeira, Belixe, São Vicente e Sagres. Antes da destruição desta última, a mais importante, ordenou Drake que um dos seus expedicionários executasse um mapa com o desenho pormenorizado da fortaleza e dos seus edifícios, o qual ainda hoje se conserva na *British Library* em Londres, e com base no qual foram restauradas ou reconstruídas as edificações interiores da fortaleza em 1960, aquando das comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique.

O passeio que agora vos propomos inclui duas visitas (à fortaleza de Sagres e ao Cabo de São Vicente), uma passagem pela Vila de Sagres e um percurso em viatura, com algumas paragens, na Costa Vicentina na zona da Carra-pateira, onde se pode apreciar a natureza em estado puro. Propomos, assim, uma excelente combinação de cultura, património e natureza, nas mais fascinantes paisagens culturais e naturais de todo o Algarve.

Sugerimos como início do passeio a visita da fortaleza de Sagres. A primeira impressão quando nos aproximamos do exterior é a de uma fortificação em estilo *Vauban*, relativamente baixa, com espessas paredes e cuja entrada era protegida por dois baluartes destacados do corpo central. A porta da fortaleza apresenta, na parte superior do frontão neoclássico, um brasão datado de 1793, pertencente ao então governador e capitão general do Reino do Algarve, D. Nuno de Mendonça e Moura. Após pagamento do ingresso, que tem actualmente um custo de 3 €, acedemos a um recinto interior, de onde se obtém, de imediato, uma panorâmica geral do património interior.

Na parte superior do lado interno do portão pode ser vista uma lápide em memória do Infante D. Henrique, fundador da fortaleza. Do lado esquerdo do recinto interior podemos observar a famosa rosa-dos-ventos, descoberta ocasionalmente em 1921 e, possivelmente, do tempo do Infante. Esta enorme circunferência com 24 segmentos principais, marcados com pedras e subdivididos em segmentos mais pequenos, teria tido naturalmente uma função, embora a mesma, até hoje, não tenha sido devidamente investigada, pelo que apenas são dadas suposições, sendo a mais usual, que este conjunto seria um relógio de sol. Contudo, embora tal utilização fosse possível, desde que no seu centro fosse colocado um *gnómon* para projectar a sombra, não nos restam dúvidas de que essa não era a sua única utilização, caso contrário, não seria necessária a metade sul da circunferência, dado que a sombra apenas se projectaria na sua metade voltada para norte. Por outro lado, pensamos que não é por acaso que a rosa-dos-ventos está dividida em 24 segmentos principais, pois se considerarmos o movimento de rotação da Terra, um dia corresponde a 360 graus, que equivalem a 24 horas, ou seja a 24 segmentos de 15 graus cada. À excepção de um, todos os segmentos principais estão subdivididos por um raio em duas partes, por vezes iguais, ou seja de 7,5 graus cada, o que corresponde a trinta minutos, por vezes ainda em partes de diferentes tamanhos, sendo os maiores



de 11,25 graus, ou seja, 45 minutos e outros de 3,75 graus, o que equivale a 15 minutos. Resta-nos perguntar: para que é que isto servia, então?

A nossa interpretação é que esta rosa-dos-ventos traduz conhecimentos astronómicos que no tempo do Infante Dom Henrique seriam estudados e aperfeiçoados com vista à sua utilização prática na orientação durante as descobertas marítimas. Neste contexto, faz sentido a ligação de Sagres às navegações portuguesas quinhentistas, não no sentido exacerbado com que os Românticos conceberam e transmitiram a ideia da Escola Náutica de Sagres, mas num sentido muito mais realista de que a corte que acompanhava o Infante a Sagres nos últimos 15 anos da sua vida englobaria também cientistas e navegadores, que aqui dariam continuação às suas actividades.

À excepção da igreja seiscentista, que substituiu a antiga Igreja de Santa Maria edificada pelo Infante, e da Torre Cisterna, igualmente da mesma época e quase escondida atrás do moderno centro de exposições, todas as edificações antigas foram literalmente destruídas aquando das polémicas obras efectuadas na década de oitenta na suposta adaptação do conjunto patrimonial a fins turísticos. Este é um triste exemplo do que não se deve fazer ao nosso património.

Aconselhamos agora a subida ao torreão central, por cima da entrada, ao qual se acede através de uma rampa, onde se pode observar um relógio de sol esculpido na pedra. Em direcção a nascente temos o baluarte de Santo António e em direcção a poente o baluarte de Santa Bárbara, ambos com acesso a partir do torreão central, pelo que se aconselha esse pequeno passeio, de onde se desfruta de uma vista fantástica sobre a costa. Descemos agora para a bateria situada atrás da igreja, onde se podem ver alguns canhões antigos, sinal de que a fortaleza de Sagres servia, desde o início da sua construção, para o controlo da navegação e defesa costeira.

Para os amantes dos passeios a pé aconselhamos ainda o trilho de cerca de dois quilómetros à volta do promontório, com vistas deslumbrantes sobre a costa e o oceano, com

passagem por mais duas antigas baterias costeiras e pelas furnas, cavernas no interior do promontório, com enormes fendas no solo, por onde se pode ouvir o som irrequieto das ondas ao embaterem nas rochas.

Partimos agora para a próxima visita, ao Cabo de São Vicente. A cerca de um quilómetro da fortaleza, vemos do lado esquerdo frente à Praia do Tonel a Rocha do Leão, um estranho rochedo que emerge das águas em forma de leão. Alguns quilómetros mais adiante passamos a Praia do Beliche e um pouco depois o Forte do Beliche, uma edificação do século XVI, hoje adaptada a casa de chá e pousada.

Chegamos agora ao Cabo de São Vicente, onde podemos estacionar a viatura e entrar no forte, cuja visita se aconselha devido à excelente vista e à magia do lugar. A história das edificações que aqui existem ou que já existiram é extremamente interessante. A existência da Igreja do Corvo, local de culto a São Vicente, onde supostamente teriam sido depositadas as suas relíquias, é referida, como vimos, em documentos árabes do século XII. Este local continuou a ser lugar de peregrinação, pois em 1434 D. Duarte solicitou ao Papa autorização para a fundação de um mosteiro franciscano, com o objectivo de apoiar os peregrinos que ali se deslocavam, pedindo esse que foi aceite, sendo ali edificado um convento. No início do século XVI o Bispo de Silves mandou construir ali uma muralha à volta do convento, assim como instalações para residir. Todo o complexo foi destruído em 1587 por Drake e reconstruído algumas dezenas de anos mais tarde. Datam, assim, do século XVII grande parte das edificações que hoje aqui podemos observar e que em 1846, na sequência da extinção das ordens religiosas e da nacionalização do seu património, foram adaptadas ao complexo do farol. O próprio farol é extremamente interessante, sendo o mais potente dos faróis portugueses e um dos mais potentes da Europa, dado que o seu raio, ampliado por enormes espelhos de cristal, tem um alcance de noventa quilómetros.

Regressamos agora a Sagres para visitar a baía com o porto de pesca que é, provavelmente, pelas condições naturais, o mais bonito do Algarve. Para tomar uma bebida ou uma refeição ligeira existem várias esplanadas, inclusivamente com vista sobre a baía. Para uma refeição mais substancial aconselhamos o Restaurante O Carlos, onde não se deve deixar de provar, como entrada, a sua deliciosa sopa de peixe.

É agora tempo de dedicarmos um pouco mais de atenção à natureza da Costa Vicentina. Regressamos, assim, em direcção à Vila do Bispo, onde tomamos a estrada em direcção a norte para a Carrapateira, uma pequeníssima povoação rural onde o tempo parece passar mais devagar e, cerca de 100 metros após passarmos a aldeia tomamos uma estrada à esquerda em direcção à Praia da Carrapateira. Passamos a praia e subimos já por uma estrada de terra batida até um ponto mais elevado e viramos num pequeno desvio à direita até um miradouro sobranceiro à praia, onde podemos estacionar e apreciar uma paisagem deslumbrante e única.



Sobretudo na Primavera a natureza, com toda a sua variedade de flores, é absolutamente fascinante. A partir daqui existem duas possibilidades: para os amantes das caminhadas aconselhamos um passeio de duas horas (incluindo o regresso pelo mesmo trilho) ao longo do caminho junto à costa em direcção a sul até à Praia do Amado. Tanto a vista das falésias que descem abruptas até ao mar, como a panorâmica geral da costa, compensam o esforço dispendido; e para os amantes do conforto aconselhamos o mesmo percurso em viatura, com algumas paragens para observar a costa. Da Praia do Amado existe uma estrada para a Carrapateira, pelo que já não é necessário regressar pelo mesmo caminho. Para a viagem de regresso a Lagos aconselhamos agora a estrada da Serra do Espinhaço de Cão em direcção a Aljezur até encontrarmos a estrada principal em direcção a Lagos.

COMENTÁRIOS FINAIS

Pelas belezas naturais e pelo legado cultural não é, assim, de estranhar que Sagres seja um dos locais mais visitados pelos turistas no Algarve. De facto, para muitos

turistas que alugam uma viatura para conhecer melhor o Algarve, a ida a Sagres é quase um imperativo. De igual modo, a excursão a Sagres continua a ser, para as agências de viagens, a que mais se vende, embora a visita do promontório de Sagres om a fortaleza tenha sido excluída do programa desde que as autoridades responsáveis a descaracterizaram arquitectonicamente e passaram a condicionar o seu acesso a entradas pagas.

No seu *Guia de Portugal* editado em 1927 Raul Proença iniciava a descrição de Sagres da seguinte forma: «Sagres, para um homem culto dá para três dias de concentração e de sonho» (Proença, 1927: 312). Dada a vastidão do tema e porque tentámos concentrar a nossa visita num único dia, fazendo para isso uma escolha muito selectiva dos locais e tentando dosear de forma adequada o binómio cultura/natureza, temos a sensação de que o mais importante ficou por dizer e que muitos outros locais de interesse ficaram por visitar. Resta-nos esperar que tenhamos, pelo menos, despertado a vossa «concentração» para um local «de sonho» onde se continua a sentir o pulsar da natureza e a magia do mito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-
- Garcia, José Manuel (1990), *Sagres*, Câmara Municipal de Vila do Bispo, Vila do Bispo.
- Proença, Raul (1927), *Guia de Portugal – Estremadura, Alentejo, Algarve*. Biblioteca Nacional, Lisboa.
- IPPAR - Ministério da Cultura. *Promontório de Sagres*. Consultado Fev. 2009, http://www.ippar.pt/sites_externos/sagres/Siteport/fsagres.htm
- Município Vila do Bispo. Consultado em Fev. 2009, http://www.cm-viladobispo.pt/portal_autarquico/vila_bispo/v_pt-PT
- Santos, José e Santos, Margarida (1997), *A cultural guide to the Algarve*, Guialgarve, Faro.